



A ENGENHARIA DA CULPA EM “DO AMOR E OUTROS DEMÔNIOS”: UMA VISÃO COLONIZADORA

THE GUILT ENGINEERING IN “DO AMOR E OUTROS DEMÔNIOS”

Ariane Rosas da Silva

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: arianesilva9288@gmail.com

Luis Eduardo Fiori

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: fioriunir@gmail.com

Nádia Nelziza Lovera de Florentino

Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

E-mail: nadianelziza@unir.br

RESUMO

“Do amor e outros demônios”, de Gabriel García Márquez, é uma história marcada por mistério, magia e feitiçaria, ambientada no Período Barroco, profundamente marcado pela influência que a igreja católica exerceu indiretamente sobre o poder civil no Ocidente católico. Objetivamos analisar como e para que os clérigos construíssem um consuetudinário falacioso, que não partia das observações populares, e sim, de preconceções geradas pela ignorância religiosa. Para tanto, buscaremos salientar como o autor aborda na narrativa assuntos como: ciência x metafísica, fanatismo religioso, feitiçaria, sortilégio, imperialismo religioso e a visão colonizadora da igreja.

Também pretendemos mostrar como a igreja desenvolve uma engenharia da culpa para justificar seus atos arbitrários, a partir da análise de como ela fabricou axiomas que sistematicamente

violentaram princípios de humanitarismo. Avaliamos como a ciência, dentro da circunscrição eclesiástica, e o próprio empirismo, podiam ser tratados como algo demoníaco, antagônico em relação à ordem vigente. Empenhamo-nos em identificar como a narrativa retoma a tradição para navegar por questões de ordem mística, fantasiosa e religiosa e como nos instiga a pensar sobre valores inerentes à sociedade da época. Analisaremos determinados diálogos que demonstram como axiomas são construídos ao longo da narrativa e de que forma a igreja tinha o poder de influenciar e colonizar a vida das pessoas. Como a obra é ambientada no período barroco, usamos como base de compreensão “Estudos sobre o barroco” de Helmut Hatzfeld (1988), “La renovación poética del barroco” de Rafael Balbín (1991), “1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade” de Enrique Dussel (1993) e “Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad” de Walter Mignolo (2010).

Palavras-chave: Igreja; Imposição; Colonização; Religião.

ABSTRACT

“Do amor e outros demônios”, by Colombian novelist Gabriel García Márquez, is a story riddled with mystery and magic, it is set in the Baroque Period, which is highly marked by the influence the catholic church used to perform indirectly over civil authority in the Catholic America. We had as an aim in this work to analyze how and why the clergymen built a fallacious conventional wisdom, which did not start from popular observations, but, from preconceptions generated by religious craftiness. For so, we will try to headlight how the author approaches subjects like: science x metaphysics, religious fanaticism, witchcraft, spell, religious imperialism and the church’s colonizing view. We also aim at showing how the church develops a guilt

engineering to justify its arbitrary acts by means of producing axiomatic beliefs that systematically ruined humanitarian principles. We analyze how science, and, even empiricism, inside the ecclesiastic circumscription, could be treated as something devilish, and oppositional, in relation to the established order. We also try to evaluate how the narrative claims back the tradition to navigate subjects of mystic order, as well as fancy and religious matters which make us think about values inherent to that period. We analyze some dialogs that demonstrate how axiomatic thinking is built along the narrative and how the church had the power to influence and to colonize the people's lives. We used as a theoretical base "Estudos sobre o barroco" of Helmut Hatzfeld (1988), "La renovación poética del barroco" of Rafael Balbín (1991), "1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade" of Enrique Dussel (1993) and "Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad" of Walter Mignolo (2010).

Key-words: Church; Imposition; Colonization; Religion.

1. Introdução

Transitando entre a religiosidade cristã e os rituais de origem africana, a narrativa poética de Gabriel García Márquez em *Do amor e outros demônios* é conduzida, revelando traços de uma Colômbia dominada pela superstição, sob organização escravocrata e subjugada pela forte presença da Santa Inquisição. No cenário opressivo de uma sociedade colonial, o autor revela os laços que envolvem uma adolescente – filha única de um marquês, crescida, surpreendentemente, no convívio de escravos e orixás – e um padre espanhol, incumbido de exorcizar os demônios que se acredita a terem possuído.

A obra está ambientada majoritariamente em uma decadente casa-grande, uma senzala, um convento fantasmagórico e um manicômio de mulheres, espaços em que se movem estranhas figuras dominadas por um cruel fanatismo. A narrativa é composta por uma história de amor, cercada por mistério, sortilégio e feitiçaria, que culmina em um processo instaurado pela Inquisição.

Embora o texto de García Márquez não seja uma obra histórica segundo o entendimento clássico da palavra, um romance que remonta ambiente recuado três séculos no tempo, demanda um trabalho de pesquisa histórica intenso, sob pena de se sacrificar a verossimilhança. Portanto, conscientes de que estamos analisando uma obra de ficção, não descartamos a possibilidade de que atos do tipo dos que são narrados na obra tenham de fato ocorrido naquele período por parte da intolerância católica. Este trabalho visa a focar especificamente nos métodos arbitrários de que a igreja lançava mão para manter, perpetuar e colonizar na prática sua concepção de sociedade ideal, dentro de seus princípios e balizas.

A partir das obras *Estudios sobre o barroco* de Helmut Hatzfeld (1988), *La renovación poética del barroco* de Rafael Balbín (1991), *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade* de Enrique Dussel (1993) e *Desobediencia Epistémica: retórica de la modernidade, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad* de Walter Mignolo (2010), analisaremos determinados diálogos colocando em evidência como a falácia é construída ao longo da obra e de que forma a igreja tinha o poder de influenciar e colonizar a vida das pessoas.

2. A engenharia da culpa

Que o período de dominação da Igreja Católica na América não só moldou nosso pensamento, mas também, engendrou em nosso imaginário um espírito de culpa para justificar seus métodos invasivos e tirânicos, é proposição de fácil verificação, Octavio Castro Lopez chega a propor que a igreja era um verdadeiro jugo para o cidadão, em *Sor Juana Inés de la Cruz y el último de los Austrias*:

No se exagera cuando se afirma que una sociedad de esta índole (sociedad de Nueva España) tiene sus dos yugos: el Estado y la
Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 12-30

Iglesia, fuertemente imbricados en los casos que conviene, opuestos allí donde chocan sus intereses. Insistamos en el móvil que los acerca y los cautiva: el poder. Manejando el valor del trasmundo que, tarde o temprano, pesaba en la consciencia, el administrador de la fe influía en las decisiones fundamentales, porque tenía acceso a la intimidad del poderoso, donde era viable la manipulación. En otras palabras, el confesor del rey, del valido, del virrey o de cualquiera de alta jerarquía, disfrutaba de la potestad de orientar sus actos, de cambiar sus decisiones, de favorecer a una persona o de hundirla, si así convenía. En la Nueva España, por lo menos en la época de sor Juana, la Compañía de Jesús gozaba de esa prerrogativa. De su penetración en las esferas del poder existen pruebas manifiestas¹. (1998, p. 133, esclarecimiento nuestro).

As manobras de que a igreja lançou mão sobre as comunidades sob seu domínio são representadas de maneira viva em *Do amor e outros demônios*, nessa obra o amor é tratado de maneira pungente e realista, invadindo a privacidade do casal protagonista, através de seu narrador extradiegético. Sendo assim, a obra arquitetada-se de forma à mente humana poder completa-la com sensações, conjurações e emoções próprias. Assim, temos uma primeira lacuna já com o título: Quais são os “outros demônios”?

Sierva María era filha única de Bernarda Cabrera e do marquês de Casaldueiro e se distinguia por possuir longos cabelos ruivos, ser criada pelos escravos e habituada quase que unicamente aos costumes africanos, sendo assim, a senzala era o lugar onde passava o dia todo e lá ia em busca da companhia e atenção de que o abandono e indiferença de seus pais lhe privava. O enredo ganha tensão logo no

¹ Tradução nossa: Não se exagera quando se afirma que uma sociedade dessa índole (sociedade da Nova Espanha) tem seus dois jugos: o Estado e a Igreja, fortemente entrelaçados nos casos que os convém, mas opostos quando chocam seus interesses. Insistamos no aparelho que os aproxima e os cativa: o poder. Manejando o valor do trasmundo que, tarde ou cedo, pesava na consciência, o administrador da fé influía nas decisões fundamentais, porque tinha acesso à intimidade do poderoso, onde era viável a manipulação. Em outras palavras, o confessor do rei, do valido, do vice-rei o qualquer um da alta hierarquia, disfrutava da potestade de orientar seus atos, de mudar suas decisões, de favorecer a uma pessoa ou de afundá-la, se assim fosse necessário. Na Nova Espanha, pelo menos na época de sor. Juana, a Companhia de Jesus gozava dessa prerrogativa. Da sua penetração nas esferas do poder existem provas claras.

começo, após a menina ser mordida no tornozelo por um cão em uma feira de rua aonde ela foi com a empregada mulata comprar guizos para sua festa de 12 anos. A partir do momento que ela age de forma estranha e a escrava revela que ela foi mordida por um cão, a associação com a hidrofobia se dá automaticamente. Em meio a uma série de conflitos, ela é enviada pelo pai a um convento em busca de exorcismo, porque já está sendo dada como energúmena.

Há uma preocupação em relação à mordida do cão, pois é ela que ocasiona todo o desenvolvimento da história, não sendo definido, no entanto, se o animal estava de fato doente e isso a levou a óbito ou se ela morreu por amor ao padre Cayetano Delaura, que fora incumbido pelo bispo de Cáceres y Virtudes para exorcizar os demônios que, segundo a igreja, possuíam seu corpo. O incidente ocorrido na feira criou uma cadeia de fatos que precisam ser compreendidos no conjunto da obra. Primeiramente é afirmado que o animal, ao mordê-la, transmitiu-lhe raiva e que duas das outras três pessoas atacadas pelo mesmo cão desapareceram enquanto a terceira “morrera de raiva na terceira semana”. Havia um quarto que não foi mordido, mas apenas salpicado pela baba do mesmo cachorro, e estava agonizando no hospital do Amor de Deus” (Márquez, 2009, p. 25).

Esse episódio se dá, segundo as evidências, no século XVIII e revela a mentalidade da sociedade da época que não tinha uma medicina avançada para lidar com a doença e, portanto, seus sintomas extremamente estranhos e assustadores, facilmente precipitavam as pessoas a um pânico generalizado por compreender que a enfermidade estava relacionada a ações malignas, sendo capaz de “causar dano à honra da família” (p. 23): “– Digam o que disserem os médicos – falou (o bispo) –, a raiva nos humanos costuma ser uma das muitas astúcias do Inimigo” (p. 86). García Márquez ao usar o termo “costuma” na frase anterior até buscou não fazer generalizações, porém, aqueles não eram tempos em que os donos do poder se preocupavam em ser politicamente corretos.

No período clássico e medievo muitos não tinham discernimento sobre o vírus da raiva, a histeria e a possessão de espíritos separadamente, de tal modo que

“a Igreja Católica Romana, por meio da Inquisição, investigava e reconhecia os casos de bruxaria e mandava para a fogueira todos aqueles que se comportavam histericamente. Durante mais de dois séculos, a caça às bruxas fez muitas vítimas, mesmo a opinião médica se opondo contra essa concepção demoníaca da possessão. (BELINTAN, 2003, p. 56)

Todo comportamento patológico oriundo de loucuras ou surtos psicóticos que hoje são entendidos como distúrbios naturais e que têm tratamento, naquela época de medicina ainda embrionária em termos laboratoriais, era rotulado de possessão justamente porque as pessoas enfermas atuavam de forma totalmente não convencional, o que para a moral da época era desafiador e, portanto, satânico.

Então, como enfrentar a doença que o animal possivelmente causara em Sierva María? É com essa especulação na consciência que o marquês vai procurar respostas e tratamento na medicina e na religião, julgando, por fim, que o caminho mais indicado era o da fé, já que a raiva não tinha cura por meios clínicos.

Por essa parte da história, o autor promove no marquês uma transformação comportamental diametral. Por causa de seu casamento frustrado com Bernarda Cabrera era um pai até então completamente negligente com a filha e com a fazenda que devia administrar, assim como, desgostoso da vida. Ele se sensibiliza e, a partir daí, passa a considerá-la como a filha que nunca havia tido na prática. Um momento de especial beleza é o de quando ele se despede da menina esperando que ela antes de entrar no convento olhe para trás para dar-lhe uma última olhada e ela não o faz. “O marquês a viu se afastar-se coxeando do pé descalço e com o chinelo na mão. Esperou em vão que num raro instante de compaixão a filha se voltasse para olhá-lo. A última lembrança que lhe ficou foi a da menina acabando de atravessar a galeria do jardim, a arrastar o pé ferido, até desaparecer no pavilhão das enterradas vivas” (p. 81). Ele entende sua atitude compreendendo que sempre foi um pai omissivo e que, portanto, não era uma pessoa especial para a filha. É de cortar o coração.

Sierva María, antes das providências do seu pai, submeteu-se ao tratamento nos rituais de sua religião africana, obtendo, com isso, uma visível melhora: “a ferida estava seca e não ficara nem escoriações” (p. 86). Porém, descrente de que esse progresso fosse durável e, com receio de perder a filha, dom Ynacio procura o médico judeu que conhecera, o doutor Abrenuncio de Sá Pereira Cão, para obter esclarecimentos e possível tratamento para a enfermidade que afligia Sierva María. Esse último intento, no entanto, malogrou, pois, o galeno lhe afirmou que a raiva não tinha solução: “na longa história da humanidade [...] nenhum hidrófobo viveu para contar” (p. 50). Cabe destacar que Abrenuncio era um médico que possuía livros “indexados”, (no *index librorum prohibitorum*) ou seja, proibidos pela igreja católica. O fato de o marquês procura-lo é significativo, já que ele além de ser um médico meio proscrito dentro da sociedade por causa de seus métodos, também era judeu, o que por si só já lhe garantia discriminação. O marquês procura-o porque, esgotadas as esperanças disponibilizadas pela medicina tradicional, recorre à medicina insólita, no desespero de agarrar-se a qualquer tábua de salvação. Mas, o misterioso doutor, não podia lhe ajudar.

Acreditava-se que Sierva María, estava com o mal de raiva, mas, o marquês dúvida no seguinte monólogo: “não vejo razão para nenhuma peste” – disse o marquês. – “Não há anúncios de cometas nem de eclipses, que eu saiba, nem temos culpas tão grandes a ponto de Deus se ocupar de nós” (p. 23). As duas razões que ele cogita são produtos da superstição de que o imaginário da época estava formado e ter Deus como mortificador das pessoas era raciocínio corrente, ou seja, pouco espaço sobrava para se escapar do pensamento culturalmente sedimentado.

É possível analisar, como o pensamento das pessoas era constituído sob a ótica opressiva da igreja naquela época. A culpa por seus pecados era anunciada pelo aparecimento de cometas e eclipses, a punição seria as doenças, desgraças, tragédias, algo que mudasse a ordem natural das coisas. Ambientado no período barroco, a obra recria características desse movimento literário, o monólogo apresentado no parágrafo anterior apresenta o dualismo entre o profano (a dúvida) e o sagrado (as superstições).

A partir daí dom Ynacio requisitou os serviços de outros médicos que abriram o ferimento, colocaram cataplasmas cáusticas, sanguessugas, nada adiantava. O marquês procurou barbeiros os quais usaram a urina como tratamento, mas nem isso bastou. O pai de Sierva María buscava várias saídas para a doença, recorrendo, em última instância, às práticas religiosas de uma índia curandeira sincrética chamada Sagunta. Mas, todas essas ações provocam uma série de distúrbios físicos e emocionais na menina, de tal modo que o caso vem a público e ao conhecimento da Igreja Católica que interpreta isso como uma possessão demoníaca, levando em consideração o fato de a jovem ser praticante de cultos africanos, o que era abominável para o Santo Ofício (que, historicamente teve um de seus tribunais em Cartagena de Indias).

Diante disso, o bispo diocesano, dom Toribio de Cárceres y Virtudes pressiona e manda que o velho marquês interne Sierva María no convento das irmãs Clarissas e deixe a menina “possuída” sob os cuidados delas. E, assim procedendo, Sierva é entregue ao convento e é recebida como *persona non grata*, por apresentar as astúcias do demônio, segundo a abadessa, Josefa Miranda. Dom Toribio encarrega padre Cayetano Delaura de realizar o exorcismo de Sierva, mas, durante a observação e convivência com ela, Delaura nota que não há nada de mal com a menina e ambos acabam se envolvendo numa paixão (latente, e não, aparente) entre versos e sonhos de uma vida juntos, enlaçados pelo matrimônio (embora a garota não deixe o sentimento tão à mostra).

O padre relata seu “deslize moral” ao bispo que fica indignado, assim como ficou a Igreja ao saber, de tal maneira que o Tribunal do Santo Ofício condenou Cayetano aos serviços de enfermagem no Hospital do Amor de Deus, que era um lugar infestado de vítimas da lepra. O bispou mandou um segundo exorcista para tomar conta do caso de Sierva, o Padre Tomás de Aquino de Narváez, um especialista nesse tipo de ritual, mas, que, repentina e misteriosamente, morreu afogado dentro de um poço. Transtornado com isso, o próprio bispo resolve realizar o exorcismo, travando uma batalha física e espiritual intensa com o demônio que diziam haver possuído Sierva María. Isso, no entanto, provocou mais escândalos na Igreja e o Cabido Eclesiástico mandou cessar o ritual. Com a cabeça raspada, metida numa

camisa de força, visivelmente abatida, com a saúde cada vez mais debilitada e ressentindo a falta do seu amado padre Delaura, Sierva María de Todos los Ángeles resistiu viva até o dia 29 de maio. Depois de três meses de cativo, ela faleceu e a promessa de manter os cabelos até a noite do casamento ressurgia, pois, “os fios de cabelo brotavam-lhe como borbulhas no crânio raspado e era possível vê-los crescer” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2009, p. 221). E, assim, a filha do marquês deixava a vida sem raiva e com a esperança do amor.

3. O amor e os outros demônios

Do Amor e Outros Demônios traz uma visão sobre o afeto, as relações e o que move os corações das pessoas; Deus, sexo, religião, conforto e até negação, são propostos como guias comportamentais para as personagens e caberá a quem ler enxergar-se nas diversas facetas caricatas – ao mesmo tempo que insuportavelmente reais – dos protagonistas e atores satélites e entender a própria natureza do amor.

O amor, tema central na obra, apresenta-se primeiro na forma do relacionamento do marquês com sua filha, e, depois, do padre com ela e, por último, entre o marquês e Dulce Oliva. Momento em que Dulce Oliva expõe a covardia do Marquês perante o amor: “esmagado pelo terror na herdade deserta, o jovem Ygnacio renunciou ao seu amor e submeteu-se aos desígnios paternos. Não satisfeito com o sacrifício do amor, o pai lhe impôs em cláusula testamentária casar-se com a herdeira de um grande da Espanha”. (p. 50).

“Antes de passar um ano de viúvo, o marquês surpreendeu pela primeira vez Dulce Oliva esfregando os trens de cozinha que achava mal lavados pelas escravas. – Não pensei que te atrevesse a tanto – disse. – É porque continuas sendo o pobre-diabo de sempre – replicou ela. Assim se reatou uma amizade proibida que pelo menos uma vez pareceu amor”. (p. 54).

Delaura, um filósofo, bibliotecário, se apaixona pela primeira vez aos trinta e poucos anos por Sierva María. Esse amor é deixado em evidência no final da narrativa. “O amor era um sentimento contra a natureza”, (p. 217), ou seja, *delitivo, clandestino, e aqui estamos falando do verdadeiro amor, aquele livre, selvagem, e não*

o das instituições e convenções sociais. Eles viviam em uma sociedade de estamentos, de aparência, em que os comportamentos eram rigidamente monitorados e leis consuetudinárias oriundas do Período Medieval ditavam as diretrizes do que era permitido. O amor que transcendia as balizas do institucionalmente considerado correto, era o dos pecadores, possuídos, sodomitas, talvez, dentro de um imaginário totalmente moldado pelo fanatismo e pela intolerância.

Agente de Deus, Delaura chega para travar mais uma batalha da “guerra milenar contra o demônio” (p. 102), mas é cegado pelo amor. Nesse momento, García Márquez põe frente a frente o amor humano (sensorial, fisiológico) e o amor divino (extático, místico) e o jovem e honesto padre se vê em uma encruzilhada fatal: haverá que negar um dos dois amores, já que sua igreja, monopolizadora de seu amor, não permite nenhuma divisão.

“Por vós nasci, por vós tenho a vida, por vós hei de morrer e por vós morro” (p.132) – diz Delaura a Sierva, pela boca de Garcilaso. O recurso narrativo de Delaura manifestar seus sentimentos através das palavras de um poeta foi a maneira inteligente que o autor encontrou para o padre poder deixar o leitor em dúvida (até certo ponto) de suas “pecaminosas” intenções. E, nesse ponto, é interessante ponderar se a menina se apaixona pelo padre, ou, pela poesia, já que Delaura lhe apresenta um novo universo, de sonho e de idealização. Amam-se para sempre e desde sempre, mas apenas por curto tempo. O que impede o desenvolvimento desse amor é algo maior, tenebroso e terrivelmente vivo em seu meio: a cegueira do fanatismo.

Sierva, a menina que não conhece Deus (“– Sabe quem é Deus? – a menina negou com a cabeça”. p. 91), pelo menos não o Deus que “deveria” conhecer, o Deus permitido, institucionalizado. Criada dentro da senzala, seus valores, crenças e costumes giravam a órbita da cultura clandestina africana que a igreja católica não conseguia eliminar de golpe, pela magnitude da empreita, mas, que inteligentemente apostava que cedo ou tarde conseguiria fazê-la ser assimilada pelo cristianismo. Não conseguiu até hoje, pelo menos não na completude.



Não conhecer a Deus talvez fosse sinal suficiente de sua possessão. Estava possuída duplamente, pelo demônio e pelo amor, e quanto a isso não cabia dúvida: possessão capaz de matá-la, possessão incurável. Possessão bem-vinda.

Contudo, “a vida não lhes deu tempo” (p. 55). Fica no ar o gosto de “*tempus fugit*” de extração renascentista e o frenesi com que a trama vai se desenrolar marca o “*carpe diem*” que é a arma que o homem barroco usa para obter alguma compensação em sua inglória luta contra o ultraje do passar do tempo, vivendo intensamente o presente.

Quando o tempo passar, anos, décadas, séculos, e todos esses personagens já estiverem mortos, sobrarão apenas o amor. Giordano Bruno, filósofo italiano queimado vivo na fogueira da Inquisição em 1600, em Roma, disse sobre sua condenação:

Amordaçareis minha boca, mas já não podereis impedir que se fale em todo o mundo de minha doutrina, fareis que a morte sele meus lábios, mas não podereis apagar a verdade já impressa nos meus livros, abraçareis meu corpo com as chamas, mas meu espírito flutuará sobre as cinzas, escutai minha profecia: rodarão os séculos, os cadafalsos que agora levantai, se converterão em monumentos de glória, e os corpos que agora devorais por meio das chamas, ressurgirão em mármore e bronzes... rodarão os séculos e caireis vós... o pensamento será livre... e a besta do fanatismo, será expulsa para sempre da consciência humana. (BRUNO, G. 2007, p. 102)

O discurso de Bruno é um misto de vaticínio e de decreto de vitória mesmo na derrota, bem ao gosto barroco. Muito do pensamento medieval resistiu por largo prazo ao poder renovador do Renascimento e esse arraigo ao passado insistiu em cultivar superstições, engodos e em mutilar a ciência sempre que ela não estivesse de acordo com alguma passagem bíblica e, conseqüentemente, asfixiou expressões de livres-pensadores que tinham que se disfarçar de medíocres faladores de “amém” na sociedade. Assim mesmo passou com as relações amorosas que eram pautadas

muitas vezes por casamentos arranjados que visavam primeiramente a interesses financeiros dos pais, em detrimento do sentimento entre os noivos. Vivia-se um amor mutilado.

A paixão proibida de Delaura e Sierva se perde pelos labirintos da sinuosidade barroca. A angústia e o platonismo, clichês amorosos para os dias de hoje, contrastam em certas partes com o tom único do livro, marcado pela riqueza criativa do escritor colombiano. A indiferença do universo perante as aflições dos protagonistas dá um tom mágico-realista à obra que se desenvolve de forma frígida e sempre misteriosa.

Muitos foram os fatos que levaram à morte de Sierva Maria: Os pais negligentes, sua criação no barracão com os escravos, o fanatismo religioso do convento em acreditar que realmente a menina estava possuída por demônios devido à criação que teve ou, a resistência (que lembra o existencialismo) de Sierva em não esconder quem era e no que acreditava.

Filha de nobres degredados, é símbolo do sincretismo religioso latino-americano: “penduravam colares de candomblé por cima do escapulário do batismo” (p. 21). O escapulário e os colares de candomblé colocados em Sierva María representam outro tipo de sincretismo, com sentido de convergência ou adaptação, pois, tanto para a religião africana quanto para a romana, é concebível o uso de símbolos de proteção e nesse aspecto os colares e o escapulário se convergem.

A morte da infanta, então, é precipitada por uma série de atropelos que engendram um fatalismo do qual não poderá mais livrar-se por causa da escassez de razoabilidade da época.

Amor e fatalismo se encontram numa encruzilhada traçada pelo destino que dá esplendor à expressão barroca de um escrito do século XX.

A colonização da vida cotidiana do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo “europeu” de “modernização”, de civilização, de “subsumir” (ou alienar) o Outro como “si mesmo”; mas agora não mais como objeto de uma práxis guerreira, de violência pura – como no caso de Cortês contra os exércitos astecas, ou de Pizarro contra os incas - e sim de uma práxis erótica, pedagógica, cultural,
Igarapé, v. 11, n. 2, 2018, p. 12-30

política, econômica, quer dizer, do domínio dos corpos pelo machismo sexual, da cultura, de tipos de trabalhos, de instituições criadas por uma nova burocracia política, etc, dominação do Outro. (Dussel, E. 1993, p.50).

Sobre a América Latina se construiu uma cultura híbrida e sincrética, os símbolos de proteção (colares e escapulários) representavam resistência às suas culturas e passaram a serem usados, também, para o não esquecimento de suas religiões. A vida cotidiana do índio foi afetada de muitas maneiras, dentre elas, a religião, seus hábitos e costumes, foram os primeiros passos de violência forjada pelos europeus, que viram nos índios uma figura de inocência e de fácil manipulação

4. A igreja como ferramenta colonizadora

É de fácil verificação que América Latina foi e continua sendo, desde sua invasão pelos europeus, o cenário de infindáveis desvalorizações e processos colonizadores perpetrados pelo poder civil e clerical instituídos. O resultado dessa relação foi responsável pela base cultural cristã que domina nosso território até hoje, ou seja, o cristianismo formou nossa visão de mundo através dos séculos, nossa noção de moral, ética e nossas leis, que derivaram do direito canônico.

El concepto de colonialidad ha abierto la reconstrucción y restitución de historias silenciadas, subjetividades reprimidas, lenguajes y conocimientos subalternizados por la idea de Totalidad.² (Mignolo, W. 2010, p. 13)

A administração eclesiástica sempre teve clara consciência de que monopolizar os meios educacionais era fundamental para dar à sociedade uma forma que, ao mesmo tempo, servisse de veículo de seus projetos “evangelizadores” e “colonizadores”.

² Tradução nossa: O conceito de colonialidade abriu a reconstrução e restituição de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, linguagens e conhecimentos subalternizados pela ideia da totalidade.

Hubo, por supuesto, numerosas y destacadas monjas, en España y en el Nuevo Mundo, que al igual que Sor Juana, fueron intelectuales interesadas en los principios del conocimiento. Sor Juana, sin embargo, es un buen ejemplo de una mujer que fue castigada por entrar en la casa del conocimiento que “perteneía a los hombres (los tutores directos en la tierra del conocimiento de Dios). Como demuestra de rechazo, no había en la casa del conocimiento occidental para las mujeres ni en Europa (o sí había espacio era escueto, como lo atestigua Santa Teresa de Jesús) ni en el Nuevo Mundo. Y el espacio era reducido también para los hombres criollos o mestizos en el Nuevo Mundo, en relación al dominio y control epistémico que mantenía la clase- étnica de letrados europeos del mismo modo, cuando los moros fueron expulsados de la Península Ibérica, el conocimiento islámico fue prohibido de la casa del conocimiento cristiano³. (Mignolo, W. 2010, p. 81)

Mesmo com toda evidência das intenções nada cristãs das manobras católicas, há quem propõe que o cristianismo na América Latina, através do catolicismo, ainda que por métodos nem sempre exemplares, conseguiu garantir ao longo dos séculos a integração do indígena à sociedade civil que se estabeleceu por aqui, enquanto que na América do Norte os autóctones foram massacrados sem nenhuma preocupação de catequizá-los. Octavio Paz em ensaio escrito em 1950 disse sobre a situação colonial do México:

Por la fe católica los indios en situación de orfandad, rotos los lazos con sus antiguas culturas, muertos sus dioses tanto como sus ciudades, encuentran un lugar en el mundo. Esa posibilidad de

³ Tradução nossa: Houve, claro, numerosas e destacadas freiras, na Espanha e no Novo Mundo, que igual a Sor. Juana, foram intelectuais interessadas nos princípios do conhecimento. Sor. Juana, porém, é um bom exemplo de uma mulher que foi castigada por entrar na casa do conhecimento que “pertencia aos homens (os tutores diretos na terra do conhecimento de Deus). Como demonstração de rejeição, não havia na casa do conhecimento ocidental para as mulheres nem na Europa (ou se havia espaço era sucinto, como testemunha Santa Teresa de Jesus) nem no Novo Mundo. E o espaço era reduzido também para os homens crioulos ou mestiços no Novo Mundo, em relação ao domínio e controle epistémico que matinha a classe étnica de letrados europeus do mesmo modo, quando os mouros foram expulsos da Península Ibérica, o conhecimento islâmico foi proibido na casa do conhecimento cristão.

pertenecer a un orden vivo, así fuese en la base de la pirámide social, les fue despiadadamente negada a los nativos por los protestantes de Nueva Inglaterra. Se olvida con frecuencia que pertenecer a la fe católica significaba encontrar un sitio en el Cosmos. La huida de los dioses y la muerte de los jefes habían dejado al indígena en una soledad tan completa como difícil de imaginar para el hombre moderno. El catolicismo le hace reanudar sus lazos con el mundo y el trasmundo. Devuelve sentido a su presencia en la tierra, alimenta sus esperanzas y justifica su vida y su muerte⁴. (1994, p. 129)

Não se pode negar que durante todo o período colonial a igreja católica operou por meio da força, imposição e usurpação dessas culturas indígenas. Segundo Pêcheux (1995) "para tomar-se cidadão foi necessário, aos povos colonizados, libertar-se do particularismo histórico: costumes, concepções ancestrais e das línguas, categorizadas em oposição à língua nacional, como "maternas".

A causa (final) por que os cristãos mataram e destruíram tantas e tais e tão infinito número de almas foi somente por terem como seu fim o ouro e se encher de riqueza em pouquíssimos dias e subir a estados muito altos e sem proporção a suas pessoas.

(A causa foi) pela insaciável cobiça e ambição que tiveram... Devo suplicar a Sua Majestade com insistência importuna, que não conceda nem permita aquela que os tiranos inventaram, prosseguiram e cometeram, e que chama conquista. (Bartolomé de las Casas, Brevísima relación de la Destrucción de las Indias, Introducción, Dussel. E. 1993, p. 42)

⁴ Tradução nossa: Pela fé católica os índios em situação de orfandade, quebrados os laços com suas antigas culturas, mortos seus deuses como também suas cidades, encontram um lugar no mundo. Essa possibilidade de pertencer a uma ordem viva, assim foi na base da pirâmide social, foi desapiedadamente negado aos nativos pelos protestantes da Nova Inglaterra. Se esquece com frequência que pertencer a fé católica significava encontrar um lugar no Cosmos. A fuga dos deuses e a morte dos caciques deixaram o indígena em uma solidão tão completa como difícil de imaginar para o homem moderno. O catolicismo faz retomar os laços com o mundo e o trasmundo. Devolve sentido a sua presença na terra, alimenta suas esperanças e justifica a sua vida e sua morte.



O objetivo do poder clerical era estabelecer padrões morais dentro da sociedade, em conformidade dos projetos econômicos, e assim mesmo, a busca incessante de conquistas latifundistas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lado do Estado europeu, a América Latina desempenhou uma posição de destaque no que diz respeito à colonização. De um lado, a América do Norte apresentava uma fé cristã oriunda de uma comunidade de radicais protestantes logo após a Reforma, que estavam preocupados em purificar a Igreja Anglicana retirando qualquer evidência do catolicismo, tornando assim, seu ofício mais próximo do Calvinismo. Por outro lado, a Igreja Romana estava preocupada em expandir seus latifúndios, impor à sua língua e religião por meio de práticas vergonhosas. O espírito cruzadista, típico do período medieval, que esteve presente nos grandes empreendimentos marítimos, reapareceu na Época Moderna, confundindo-se com a própria missão colonizadora. Mais do que uma obra que traz a religião como destaque, *Do amor e outros demônios*, deixa claro os caminhos tirânicos e colonizadores por quais a igreja lançou mão sobre a América Latina.

A engenharia constituída ao longo da narrativa para justificar e consolidar a imagem, língua e o discurso do colonizador (a igreja e os europeus) como superiores, sobre os colonizados, é de fácil verificação. Portanto, conclui-se com este trabalho que a Igreja Católica funcionava e funciona como ferramenta colonizadora, haja vista que teve um papel principal e importante no que diz respeito à formação e cosmovisão latino-americana.

Foi possível verificar que a obra é construída e arquitetada em um ambiente barroco, mas que carrega em si, marcas de uma visão colonizadora e críticas em relação ao comportamento e crenças à sociedade da época. Gabriel Garcia Márquez soube, com seu talento e sensibilidade, retratar de forma magistral todas essas questões com uma narrativa envolvente e cheia de simbolismos, explorando o fantástico.



. "Na minha idade, e com tantos sangues cruzados, já não sei mais com certeza de onde sou", diz o padre Delaura, "nem quem sou", ao que é respondido por "ninguém sabe por estes reinos" pelo sábio médico Abrenuncio, "e creio que precisarão de séculos para saber" (p. 170).

Segundo Bauman em *Identidade*, 2005 "as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas". Nesse trecho, Delaura mostra que: a identidade de um povo ainda ressurgem mesmo em meio ao massacre, pois pensa-se em identidade como algo em constante construção, mas o indivíduo pode assumir múltiplas identidades ao mesmo tempo.

Do amor e outros demônios trata suas crenças com seriedade e as torna, talvez, reais: o que a crítica invariavelmente chama de "realismo fantástico" ou "mágico" é a realidade disfarçada, e não mais que isso, do que o autor colombiano retrata. Neste sentido, ele absorve a cultura europeia mas também cria uma realidade própria e imersiva, nos levando ao cenário de uma sociedade tradicional, que se passa no início da colonização do Novo Mundo. Nesta obra, a cultura negra, indígena e latina se convergem em um cenário de desigualdades e repressões que a própria colonização proporciona.

6. REFERÊNCIAS

BRUNO, Giordano. **Mundo. Magia. Memória.** Tr. Gómez de Liano Alamillo, I. Madrid: Biblioteca Nueva (2007).

CASTRO LÓPEZ, Octavio. **Sor juana Inés de la Cruz y el último de los austrias.** México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1998.

DUSSEL, Enrique, 1492: **o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**, Petrópolis, RJ: Vozes: 1993.

MIGNOLO, Walter, **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad.** Ediciones del Signo. 2010 Julián Álvarez, 2844 - 1º A, Buenos Aires- Argentina.



PAZ, Octavio, **El labirinto de la soledad**. Penguin Books: New York, 1994.

PÊCHEUX, Michel, **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1955.

BAUMAN, Zygmunt, 1925- **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005